

As interações dos jovens rurais universitários por meio do telefone celular¹

Jonathan Fagundes da SILVA²
Ivonete da Silva LOPES³
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade compreender como os jovens rurais utilizam o telefone celular em seu cotidiano, considerando o modo como eles consomem e interagem com o aparelho. Dessa forma, foram realizadas entrevistas em profundidade com o intuito de perceber como os jovens rurais estudantes de uma universidade pública no interior de Minas Gerais, Brasil, se apropriam dessa tecnologia. Foi possível perceber que o telefone celular é um instrumento de inserção social e dependência dos jovens, principalmente, devido ao uso das redes sociais. Assim, o telefone celular para os jovens rurais pode ser visto como um elemento de conexão entre contextos sejam eles urbanos ou rurais.

PALAVRAS-CHAVE: jovens rurais; telefone celular; consumo; inserção social.

Introdução

A utilização do telefone celular⁴ não é uma exclusividade dos moradores de áreas urbanas, os jovens rurais compartilham de experiências similares, pois as mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea também afeta o espaço rural. Assim como a televisão adentrou o espaço rural proporcionando aos moradores do campo saber o que acontece no Brasil e em outras partes do mundo, as novas tecnologias, ainda que de forma limitada devido ao baixo acesso aos sinais de comunicação nas áreas rurais, pode oferecer mais informação (CARNEIRO, 2007).

O presente trabalho teve como objetivo investigar como os jovens rurais inseridos no espaço universitário utilizam o telefone celular. Dessa forma, buscou-se por meio de uma entrevista como se deu a aquisição do primeiro aparelho até o modelo atual que ele possui, verificando as motivações para ter determinado aparelho, como se

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do curso de Extensão Rural da UFV, bolsista CNPq, e-mail: jonathan.silva@ufv.br

³ Professora do curso de Extensão Rural da UFV, e-mail: ivonetelopes@ufv.br

⁴ Neste trabalho utilizaremos “telefone celular” para se referir também aos aparelhos *smartphones*, por considerar que o uso do termo amplia a discussão e não se limita apenas aos aparelhos que possuem conexão à internet.

dá seu uso e a importância que este possui em um espaço diferente do seu habitual, pois muitos alunos deixaram suas cidades e vivem nas moradias universitárias para concluir a graduação.

A fim de compreender este processo serão utilizados conceitos como consumo, apropriação e sociabilidade, porque se torna importante ter um olhar diferenciado sobre a utilização do aparelho. É necessário pensar o consumo como aquisição de um produto que por si só já é um gesto que possui significado, mas também, compreender o modo como ele é apropriado pelas pessoas também possui significações e podem promover mudanças no modo de interagir, como na sociabilidade destes jovens que sofrem influência das novas tecnologias.

Um breve olhar sobre a juventude rural

O jovem rural carrega consigo marcas da invisibilidade perante as políticas públicas (SOUZA, 2016), além disso, possui a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho, saberes e valores da família (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997). Sua relação com o trabalho se dá desde a infância, porém, Zago (2016) aponta que muitos jovens depois que concluem o ensino médio, veem necessidade de mudar para a cidade, a fim de dar continuidade aos estudos no ensino superior e ampliar suas possibilidades profissionais.

Juventude rural não é uma categoria homogênea, portanto, não é possível pensar que seus destinos estão traçados e que será igual para todos, sobretudo na sociedade na qual vivemos onde o acesso e a troca de informação acontecem, ainda que de forma precária (FRANÇA, 2002). Souza, Doula e Carmo (2016) afirmam que entre os caminhos trilhados pelos jovens estão a “inserção no mundo do trabalho, de acesso à educação, as relações de consumo, de sociabilidade, as relações familiares e as maneiras de conhecer e vivenciar essa fase da vida [que] pode variar de acordo com as diferenças de classe social, gênero, aspectos regionais [...]” (2016, p.3).

Perceber os jovens rurais para além do contexto das sociedades rurais envolve pensar como as relações nas sociedades globalizadas são afetadas, sobretudo pela possibilidade de interação entre os atores sociais em si ou com os meios de comunicação (FRANÇA, 2002). As áreas rurais não deixam de ser afetadas pelo fenômeno da globalização que gerou até então inúmeras mudanças na cultura. Para

Ribeiro (2013) a partir de então todo mundo passa a estar interligado, seja em aspectos sociais, culturais e comunicacionais.

Os avanços dos meios de comunicação ocorridos nos últimos anos, sobretudo a ascensão da internet para as camadas mais populares em todo mundo, tem trazido à tona novas maneiras de agir dos atores sociais. As redes sociais têm possibilitado aos jovens novas maneiras de mobilização da categoria, onde são responsáveis pela formação de opinião e pela articulação de suas lutas (TAUK SANTOS, 2011).

Uma das alternativas encontradas pelos jovens para acessar a internet é a utilização do telefone celular. Tauk Santos (2011), em seu estudo com jovens do ensino médio, afirma que muitas vezes a escola possui computadores, mas o seu acesso é restrito. Além disso, o valor de um equipamento ainda é alto para eles terem em casa, por isso o celular acaba se tornando o meio mais eficaz e prático para o acesso virtual.

Elisa Ribeiro (2013) buscou por meio de uma pesquisa-ação ver como alunos rurais de uma escola pública se incluíam nas redes sociais por meio do celular. Percebeu-se que o aparelho é a forma encontrada para acessar as redes na busca por atividades de lazer, práticas esportivas (jogos de futebol), festas religiosas e sociais. Isso ocorre devido à baixa presença de computadores nas moradias dos estudantes. Entretanto, por estarem em uma sociedade globalizada eles necessitam do acesso para estarem integrado de forma plena em sua geração.

Consumo, apropriação e sociabilidade

A utilização do aparelho celular pode ocorrer por diferentes motivos, da mesma forma o modo de consumi-lo também difere de pessoa para pessoa, mas acima de tudo trata-se da apropriação com base no outro, naquilo que é definido como relevante para determinado grupo. Nestor García Canclini, ao abordar o consumo na sociedade globalizada, afirma que ele “não é apenas posse do objeto isolado, mas como a apropriação coletiva, em relações de solidariedade e distinção com outros bens que proporcionam satisfações biológicas e simbólicas, que servem para enviar e receber mensagens” (1995, p.70).

Mike Featherstone (1990) em seu trabalho “Cultura do Consumo e Pós-modernismo” afirma que o consumo precisa ser visto pelo viés cultural, na qual os bens materiais e sua produção, troca e consumo possuem significações. Assim, é preciso pensar além da utilidade da mercadoria qual o valor simbólico que ela possui para

determinado grupo. Ou seja, a dimensão simbólica do celular também comunica algo da mesma forma que a dimensão mercadológica também significa dentro dos estilos de vidas das pessoas. Silverstone (1999) afirma ainda que para entender os processos de apropriação por meio do consumo é preciso pensar o contexto da coletividade, pois esse é um definidor para compreensão da lógica de consumo.

A maneira como cada pessoa vai consumir determinado bem material varia de acordo com as suas intenções, assim como Canclini (1995) aponta para a necessidade de pensar o contexto sociocultural que motiva as pessoas a consumirem é preciso levá-lo em consideração também para compreender a forma como as pessoas se apropriam deste bem. Nesta perspectiva, Cantú e Cimadevilla (2015) acreditam que é necessário pensar o consumo além de um ato compulsório, analisado sob a ótica de dados qualitativos que indicam o que se compra e o quanto se compra, é preciso considerar junto a isso as práticas culturais do grupo social para verificar como se da à incorporação, ou seja, a apropriação de algo no seu cotidiano.

Castillo e Gajardo (2013) realizaram um estudo sobre os usos dos celulares feito por jovens de baixa renda no Chile, eles constataram que o aparelho é visto como um instrumento que ajuda nas tomadas de decisões e possui uma característica prática que vai além da possibilidade de realizar chamadas. Os jovens chilenos demonstraram também a necessidade de acompanhar a evolução tecnológica dos aparelhos, porque a sua utilização se dá para fins de *status*, mais do que para a comunicação propriamente.

A apropriação do aparelho também pode ocorrer nos espaços acadêmicos, Pereira (2016) constata que ele possui uma onipresença nas salas de aula, isso porque em algumas escolas seu uso é proibido, dessa forma, são criadas alternativas pelos estudantes para sua utilização, como utilizar o aparelho dentro da mochila, usar o capuz do moletom para ouvir músicas no aparelho. A apropriação, segundo o pesquisador, sofre muita influência do coletivo, pois o desejo de utilizar o aparelho está diretamente relacionado à forma como o grupo social que o indivíduo está inserido interage com ele, vai além do que as publicidades apresentam como vantagem para consumir.

O telefone celular também tem a capacidade de gerar novos arranjos sociais. Segundo Simmel (2006) a sociedade é o espaço onde ocorre o fenômeno da sociabilidade, se trata de uma categoria que deve ser vista por meio das interações que acontecem entre os indivíduos e não pode ser considerada algo concreto, fechado às transformações, pois é um acontecer que está em constante movimento. Além disso, ele

considera que os estímulos que os indivíduos produzem causam efeitos de uns nos outros demonstrando que sofremos com a influência do contexto social em que vivemos.

Na sociedade, todo impulso, interesse ou movimento do indivíduo pode ser considerado matéria e conteúdo de socialização, porém só se torna socialização quando passa a exercer formas de cooperação entre os indivíduos. Ou seja, podemos perceber o telefone celular não como um elemento social, mas como um fator de socialização capaz de transformar a individualidade em uma maneira de estar com o outro, em direção a uma unidade. Assim, a socialização é a maneira que os indivíduos, baseados em seus interesses, encontram para se desenvolver “conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana” (SIMMEL, 2006, p.35).

A sociabilidade surge como um conceito baseado nas interações que ocorrem entre os indivíduos da sociedade por meio da socialização, sendo a constituição da unidade motivada pela vontade de satisfazer seus interesses. Segundo Simmel (2006), dentro da sociedade as pessoas possuem sua dimensão individual e o desejo de poder, por exemplo, pode leva-la a se juntar a outros para satisfazer sua necessidade egoística. Por isso, o autor considera importante diferenciar as ações individuais, sob forte influência dos sentimentos, das ações coletivas, que são mais convictas.

Metodologia

O presente estudo foi realizado na Universidade Federal de Viçosa, instituição reconhecida internacionalmente, sobretudo pela área de Ciências Agrárias. Localizada em Viçosa, na Zona da Mata de Minas Gerais, segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o município tem uma população estimada em mais de 72 mil habitantes e população flutuante, que reside temporariamente na cidade, de aproximadamente 16 mil pessoas.

Para o estudo das representações que os jovens rurais, com idade entre 18 a 24 anos, fazem sobre o aparelho celular optou-se por utilizar a técnica de entrevista em profundidade. A escolha se deve pela possibilidade de obter informações por meio de uma conversa com propósitos definidos pelo roteiro de pergunta, evitando a fuga do tema. De acordo com Neto (1994, p.57) “não significa uma conversa despreziosa e

neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”.

Resultados e análise de dados

A presente etapa se dedica a apresentar os resultados da pesquisa empírica, buscando expressar detalhes das falas dos entrevistados, suas percepções e sentimentos em relação ao telefone celular. Os dados foram obtidos em etapa única no *campus* da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa-MG. Ao todo foram realizadas 13 entrevistas com jovens rurais de origens diferentes e que estudam na instituição. Souza (2016) destaca que juventude é uma categoria heterogênea, portanto, no recorte analisado tratamos da realidade específica de jovens rurais universitários, que deixaram suas famílias no campo em busca de uma formação profissional. As informações a seguir ajudam na compreensão do universo analisado.

Nº	Comunidade	Sexo	Idade	Curso	Renda familiar
1	São Nicomedes, Pres. Bernardes.	Fem.	21 anos	Ed. Física	1 salário
2	São Gabriel, Araponga.	Fem.	20 anos	Ed. Infantil	1 salário
3	Chácara, Paula Cândido.	Fem.	19 anos	Ed. Infantil	2 salários
4	Violeira, Viçosa.	Masc.	23 anos	Eng. Ambiental	14 salários
5	Santo Antônio das Posses, Porto Firme.	Fem.	19 anos	Cooperativismo	2 salários
6	Córrego São Filipe, Espera Feliz.	Fem.	21 anos	Pedagogia	2 salários
7	São Domingos, Espera Feliz.	Fem.	21 anos	C. Sociais	1,5 salários
8	Santa Teresa, Porto Firme.	Masc.	22 anos	Ed. Física	4 salários
9	Fundaça, São Miguel do Anta.	Fem.	24 anos	Ed. Física	1 salário
10	Fundaça, São Miguel do Anta.	Fem.	21 anos	Eco. Doméstica	1 salário
11	Córrego Sapé, Angelândia.	Masc.	18 anos	Agronomia	1,5 salários
12	Palmital, Viçosa	Fem.	19 anos	Jornalismo	2 salários
13	Córrego dos Januários, Inhapim.	Masc.	20 anos	Geografia	1 salário

Fonte: elaborada pelo autor (2017).

As entrevistas foram realizadas seguindo o método “bola de neve”, no qual os entrevistados indicavam amigos que se encaixavam no perfil para participar do estudo. É importante destacar que apenas dois entrevistados não são de cidades da região da Zona da Mata mineira, onde fica localizada a universidade, sendo Angelândia localizada

no Vale do Jequitinhonha e Inhapim no Vale do Aço, ambas em Minas Gerais. Em Viçosa, os jovens moram no alojamento da instituição, com exceção dos entrevistados 4 e 12 que moram com os pais. Além disso, convém mencionar que as entrevistadas 09 e 10 são irmãs.

As principais questões da entrevista giraram entorno do significado que o telefone celular possui no cotidiano dos jovens; assim, foram abordadas questões ligadas à infraestrutura de telecomunicações da comunidade, aspectos ligados à posse e uso/consumo do aparelho.

“Nem pega, nem tem sinal, vai utilizar [o celular] para quê?”

O primeiro celular que a entrevistada 1, 21 anos, ganhou foi dado por uma tia que vivia na cidade. O modelo era bem simples, não fazia conexão com a internet e o intuito era só fazer ligação. Porém, na sua comunidade não havia sinal de telefonia móvel, mesmo assim, ela quis apresentar para os amigos o presente novo: “eu levei o celular para escola, tipo, me sentindo porque era muita novidade. Aí o professor virou para mim e falou assim: pra quê você tá com esse celular aqui? Nem pega, nem tem sinal, vai utilizar ele pra quê?”.

A dificuldade encontrada pela entrevistada não é diferente dos demais participantes da pesquisa. O primeiro celular foi adquirido ou ganhado mesmo quando não havia sinal de telefonia na comunidade em que viviam. O sinal de telefonia chegou às comunidades dos entrevistados por volta de 2012, porém, cinco anos depois, ele ainda apresenta problemas. De acordo com os relatos, é necessário criar estratégias para poder utilizar o telefone celular na moradia.

“Na época do [celular] ‘tijolinho’ tinha que subir no pasto. Lá em casa [agora] tem os pontos que dão mais sinal, lá é a varanda. Eu gosto de ficar até tarde, aí não tem jeito de ficar lá na varanda, aí no quarto tem um lugar lá na cama, tem que deixar ele em pezinho para procurar sinal. Não é um sinal pleno não...”
(Entrevistada 9, 24 anos).

A alternativa encontrada por algumas famílias para superar o problema é por meio do telefone celular rural, no qual é instalada na moradia uma antena que capta o sinal da operadora. Ainda que o uso desse tipo de celular se restrinja apenas às ligações realizadas pelos pais, nota-se, conforme Ribeiro (2013), que o fenômeno da globalização também se encontra nas áreas rurais, criando a necessidade de trocas

comunicacionais, principalmente, quando os filhos migram para a cidade a fim de concluir o ensino superior, como é o caso dos entrevistados.

Os usos do telefone celular

Canclini (1995) afirma que na globalização as redes sociais são mobilizadas pelo consumo, não se trata apenas das conexões feitas por meio da internet, até as relações interpessoais são movidas pelas relações de consumo. Antes de ter acesso ao o sinal da telefonia e à internet, que ainda funciona de modo precário em determinadas comunidades, ter um aparelho já era uma forma de socializar com os amigos.

“Todo mundo achava meio estranho no início, - porque você tem um celular que não funciona? Mas a gente usava muito para jogar e no fim acabou que outros amigos acabaram surgindo com celular também. A gente fazia rodinha pra jogar ou colocava musica para ficar conversando lá no intervalo...”
(Entrevistada 1, 21 anos).

A entrevistada 12, 19 anos, conta que desde o sexto ano do ensino fundamental teve que vir para a cidade estudar, porque na sua comunidade a escola só oferecia até o quinto ano (antiga quarta série). Dessa forma, o contato com os alunos da cidade fez com que ela quisesse adquirir um celular: “você é adolescente, os amigos têm celular aí você quer ter celular também, para poder tirar foto, poder mandar mensagem”, destaca. A fala da entrevistada demonstra a necessidade de socializar no espaço novo, como aponta Simmel (2006), a sociedade exige interações entre os indivíduos, por isso, a forma encontrada pela entrevistada para adentrar no novo contexto é também pela aquisição do aparelho que acaba por promover inserção social por meio do consumo.

“Eu tenho que me inserir. Às vezes acaba sendo um objeto de ostentação, mas para mim estar inserida já está bom...”
(Entrevistada 3, 19 anos).

“Esse último que eu comprei foi um pouco por status – ai quero um Iphone, que lançou e tal...” (Entrevistada 12, 19 anos).

Enquanto um objeto de consumo, o celular, como explica Featherstone (1995), é consumido pela classe social mais baixa almejando se aproximar da mais elevada, se tornar semelhante compartilhando da mesma prática social. Da mesma forma, a opinião dos amigos a respeito do celular que o jovem possui é válida, sobretudo quando estes vão comprar um novo aparelho. Castillo e Gajardo (2013) destacam ainda que a aquisição de um novo celular se deve aos aparelhos se tornarem obsoletos em relação à

tecnologia afetando diretamente a forma de relação que são estabelecidas entre os jovens. De fato, isso se evidencia nas falas de alguns entrevistados:

“Esse aqui eu não acho um dos melhores, mas na época eu tinha um amigo do meu primo e falou que ele era muito bom, que a câmera é boa e as funções são boas e eu comprei por esse motivo, por saber que ele tinha e que ele gostava, porque eu não entendo muito bem dessas tecnologias não...” (Entrevistada 5, 19 anos).

“Eu não sabia muito sobre celular, por exemplo, então eles falavam: ah, tal marca é boa, celular precisa ter isso e tem que ter aquilo. Então você vai meio que influenciado pelos seus amigos...” (Entrevistada 2, 20 anos).

As formas como os pais dos jovens rurais se apropriam do telefone celular se distingue da maneira como os filhos o utilizam. Castillo e Gajardo (2013) afirmam que até o modelo do celular diferencia esse uso, porque os jovens desejam ter modelos mais sofisticados e os adultos, até então, se contentam com modelos mais simples que fazem apenas ligação. As falas dos entrevistados corroboram para essa constatação, pois eles afirmam que os pais utilizam o celular principalmente para ligação.

“Cada um tem celular lá em casa. O uso é completamente diferente! Mãe é só para ligar para nós e parente mesmo. Pai também não mexe, não sabe. O de mãe é tijolinho e o de pai é abre e fecha, então, não tem acesso à internet, nem sabe o que é isso direito...” (Entrevistada 10, 21 anos).

Os pesquisadores chilenos Castillo e Gajardo (2013), destacam que o uso do telefone celular para os jovens de baixa renda com a finalidade de ligar é restrita, devido ao preço da chamada e a preocupação da construção de status com a aquisição do aparelho. Os jovens rurais no Brasil também restringem as ligações para os pais, grande parte das vezes. A entrevistada 3, afirma que já passou por situações de ficar 15 dias sem falar com os pais pela ausência do sinal da telefonia.

“Com os meus pais eu falo só por ligação. Quando eu morei numa outra cidade e não tinha sinal lá na roça eu não falava com os meus pais, eu ia em casa de 15 em 15 dias, e os quinze dias que eu ficava na cidade eu não falava com os meus pais. É terrível...” (Entrevistada 3, 19 anos).

Para o entrevistado 4, 23 anos, o celular ajuda muito na comunicação com os pais por ela estar em outra cidade e esse ser o único modo de falar com eles de maneira rápida devido a distância. Contudo, ela afirma que quando está dentro de casa com os pais ele pode ser um empecilho: “estando dentro de casa dificulta um pouco porque tem uma de individualização, não tem mais aquela coisa de estar todo mundo num mesmo

lugar, por exemplo, não está todo mundo na sala assistindo televisão, está todo mundo mexendo no celular”.

Inserção e Dependência

O celular se tornou onipresente, seu uso permeia todas as esferas do cotidiano dos jovens rurais universitários, ele se tornou um dos elementos que ajudam o jovem rural a se adaptar à nova realidade, primeiro por uma questão de comunicação com os pais que estão em outra cidade, conta a entrevistada 12, 19 anos: “quando eu saí de casa para estudar fora, eu fui estudar numa cidade há cento e poucos quilômetros de casa, aí não tinha como viver sem”. Depois, se torna necessário para estabelecer relações com os demais colegas de faculdade, sobretudo, utilizando as redes sociais.

“Tem disciplinas aqui na UFV que criam grupos e às vezes tinha uma outra pessoa que na minha sala não tinha WhatsApp, aí essa pessoa se sentia excluída porque como que ela ia saber o que estava acontecendo se ela nem tinha o WhatsApp? É um meio de se inserir mesmo...” (Entrevistada 9, 24 anos).

Ribeiro (2016) afirma que “por intermédio delas [redes sociais], é possível criar laços e manter contato com qualquer pessoa que esteja no mundo, desde que ambos sejam usuários da mesma rede social” (p.4). Em seu estudo com jovens e adolescentes do ensino médio, ela percebe que os estudantes utilizam mais o telefone celular do que o computador em seu cotidiano seja para estudar ou acessar as redes sociais devido à diferença de preço entre os aparelhos. Os jovens rurais universitários fazem a opção de usar o telefone celular, principalmente, pela facilidade de poder estar com ele em qualquer lugar, já que o computador portátil (notebook) é mais pesado e o telefone celular é mais acessível para carregar.

“Para mim é um aparelho que é um computador mais portátil que me permite me comunicar de uma forma mais rápida e mais fácil. (...) Eu uso bastante os recursos que facilitam nos estudos, por exemplo, eu tenho programas que eu estou estudando cálculo e ele já me dá a fórmula...” (Entrevistado 4, 23 anos).

“Eu uso para estudar. Eu uso mais o celular [que o computador]. Texto e essas coisas eu não gosto, eu prefiro o papel, mas alguma coisa que eu pesquiso aí eu prefiro o celular porque é mais fácil de levar, para estudar...” (Entrevistada 5, 19 anos).

O acesso às redes sociais por meio do telefone celular demonstra a necessidade de estar conectado o máximo possível aos círculos: familiares, amigos, acadêmicos e etc. Elas aparecem até mesmo como uma forma de mobilização dos jovens para resolver

problemas, como destaca Tauk Santos (2011) “na ausência de intervenções do Estado, os jovens tem se articulado e participam das redes sociais. Nesses casos as redes assumem uma forma de articulação solidária de indivíduos...” (p.4). O entrevistado 4 vivência em sua comunidade a cooperação dos sujeitos para que eles consigam chegar até à cidade por meio de caronas solidárias, já que o transporte público atende sua região apenas duas vezes ao dia.

“Na comunidade tem um grupo de carona, (...) a gente pergunta se alguém está saindo ou não, a pessoa se manifesta lá e a gente combina de encontrar, geralmente, como lá não tem muitas ramificações, você sai na estrada e a pessoa passa lá e te pega...” (Entrevistado 4, 23 anos).

Ficar informado sobre as notícias que acontecem à sua volta nem sempre é interesse dos jovens, em geral, o acesso à informação se dá quando estão acessando o Facebook⁵ ou quando algum amigo compartilha a mensagem por WhatsApp. Alguns dizem que têm preguiça de procurar notícias e só acessam quando o assunto desperta muito a atenção, outros, destacam que seguem páginas nas redes sociais de portais de notícias e com isso acabam lendo a manchete e se o assunto interessar prossegue com a leitura, caso contrário, dão continuidade ao que estavam fazendo.

“Quase todos os dias eu leio notícias que chega no aplicativo do celular mesmo e de vez em quando eu entro em site de notícia, G1 e tal. Também pelas redes sociais, porque tem página de telejornal que eu curto e eles acabam mandando a notícia lá, aí eu tô na linha do tempo e acabo lendo...” (Entrevistado 8, 22 anos).

O telefone celular se tornou um objeto de dependência dos jovens rurais entrevistados. Silverstone (1999) afirma que o consumo é sempre repetitivo, ou seja, um hábito que exige continuidade dos indivíduos. Além disso, ele diz que o nosso contexto ajuda a definir quais são os nossos anseios, onde estamos e queríamos estar. Dessa forma, compreende-se que os jovens rurais motivados pelo contexto de uma sociedade urbana globalizada se tornam dependentes do telefone celular para realizar suas atividades, sejam elas ligadas ao ambiente acadêmico, familiar ou social.

“Não precisa estar comigo em todo lugar, mas se não tiver internet eu já sinto algo diferente, não tem celular, não tem WhatsApp aí é diferente...” (Entrevistada 2, 20 anos).

⁵ O Facebook é uma rede social americana criada em 2004, tendo como principal missão dar às pessoas a oportunidade e o poder de construir uma comunidade e aproximar o mundo. Fonte: https://www.facebook.com/pg/facebook/about/?ref=page_internal Acesso em 04 de novembro de 2017.

“Não sei explicar o porquê, mas bate aquela falta, principalmente, quando cai a rede porque você fica meio acostumado, com tudo está ali na sua mão, você precisou você procura e está ali. Quando falta você fica meio perdido, meio avoado...” (Entrevistado 11, 18 anos).

Desde a sua chegada à cidade para iniciar os estudos, quando buscam se inteirar e se adaptar aos modos de vidas urbanos, e até quando retornam a passeio em suas comunidades rurais se observa o desejo de permanecerem online se torna constante, ainda que o sinal da telefonia ou internet esteja ruim. Quando os entrevistados relatam ser dependentes do aparelho, mesmo quando acreditam precisar diminuir o tempo de uso, os seus gestos e expressões demonstram sua necessidade de estar conectado para saber o que está acontecendo no seu mundo.

“A dependência é criada, acho que é muito explorado de quem cria, tanto nas mídias sociais, a nossa necessidade socialização. Uma coisa que eu percebi que a gente entra no Facebook ou WhatsApp, querendo interagir, ou seja, para conversar, satisfazer as nossas necessidades sociais. E eu acho que essa necessidade de usar o celular é muito mais para interagir...” (Entrevistado 4, 23 anos).

A dependência também pode existir devido à capacidade dos jovens de se sentirem inseridos na sociedade por meio do telefone celular. Ele possibilita criar conexões por meio de várias ferramentas, dando segurança ao jovem de se sentir pertencido à sociedade.

“Eu acho que seria esquecida no mundo. Eu achava estranho, eu em si não sentia falta, mas eu via que eu ficava por fora de algumas coisas, quando eu não tinha o celular, smartphone. Eu vejo que quem ainda não tem, tem que se adaptar, precisa fazer suas adaptações e dá seu jeito porque hoje tudo é no WhatsApp, Facebook. Ninguém lembra que pode ser que alguém não tenha...” (Entrevistada 6, 21 anos).

Além disso, quanto mais os telefones celulares vão se modernizando, mais os jovens vão experimentando a sensação de estar perto do que este instrumento de comunicação proporciona. Esse sentimento já vem desde os primeiros aparelhos criados, contudo, os aprimoramentos permitem realizar chamadas telefônicas sem estar conectado a uma rede de telefonia, enviar fotos, fazer chamadas de vídeo, apenas utilizando o sinal da internet.

“Você aumenta a comunicação, uma coisa que até então os outros celulares não tinham. Com os celulares de agora eu acho que muito mais ainda, porque aí você fica ali conectada sempre...” (Entrevistada 12, 19 anos).

Considerações finais

A partir dos relatos dos entrevistados e da reflexão teórica proposta neste artigo pôde-se compreender as razões que motivaram os jovens a adquirir um telefone celular, nem sempre baseado pela necessidade de realizar uma ligação, mas para a manutenção de um status diante da sociedade a qual ele está inserido. Assim, foi possível observar também que o aparelho se torna uma ferramenta importante para a inserção dos jovens rurais no ambiente universitário, já que algumas ações são desenvolvidas no espaço virtual, como os grupos de disciplinas, conteúdos enviados por e-mail e outros. É possível perceber ~~então~~ que o aparelho se tornou importante em seus cotidianos, com uma dependência jamais vista.

Por meio do consumo também eles se sentem inseridos, capazes de participar e partilhar dos códigos e signos que a sociedade exige deles. Seja através das redes sociais, ferramenta fundamental para sua comunicação, por meio das ligações feitas pelos seus pais que estão longe, ou para acessar os conteúdos de disciplinas, o celular aparece como um elemento a ser consumido o tempo todo. A relação com os familiares também é marcada por diferença no modo de utilizar o telefone celular, sendo que aos mais velhos cabe o uso de um celular menos sofisticado e que tenha por função principal realizar ligações. Já para os jovens, quanto mais atributos o aparelho tiver será melhor para ele realizar todas as demandas solicitadas pela universidade, amigos e outros.

O consumo e apropriação do telefone celular pelos jovens rurais demonstra uma necessidade de estar conectado o tempo todo. A conexão entre os diversos contextos se mostra o principal motivo para que eles possuam um celular e se sintam dependentes dele. Para eles é como se faltasse algo quando estão longe do aparelho, também é a forma de lazer, assistindo vídeos, ou o modo deles se organizarem utilizando ferramentas como calendário e despertador.

Este trabalho aponta também para a importância de se estudar as redes sociais, tanto a sua relação com a dependência muito mencionada pelos entrevistados quanto pelo viés da solidariedade explicitada pelo entrevistado 4 com a criação de um grupo de caronas no WhatsApp pelos moradores da sua comunidade. Corroborando com o pensamento de que as práticas sociais e culturais fazem com que os indivíduos se sintam

pertencidos a um grupo, satisfazendo suas necessidades, numa sociedade marcada pela individualidade.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 1ª Edição 1995. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CANTÚ, Ariadna. CIMADEVILLA, Gustavo Ramón. **Comunicación y Ruralidad. Vigencia y obsolescencia de las teorías clásicas**. Comunicación, Ruralidad y Desarrollo, 2015.

CASTILLO, Luis Araya. GAJARDO, Margarita Pedreros. **Usos del celular em jóvenes chilenos de bajos recursos**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud 2013, 11 (1). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77325885011> > Acesso em 01 de setembro de 2017.

CARNEIRO, Maria José. **Juventude e novas mentalidades no cenário rural**. In: CARNEIRO, Maria José; GUARANÁ, Elisa (Org.). Juventude em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 35-52.

FACEBOOK (Estados Unidos) (Org.). **Facebook: Sobre**. 2004. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/facebook/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 04 nov. 2017.

FEATHERSTONE, Mike. **Estilo de vida e cultura do consumo**. In: Cultura de Consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1990, p.119-133.

FRANÇA, Vera Veiga. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?** In: MOTTA, L. G. et al. (orgs). Estratégias e culturas da comunicação. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 13–29.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (Org.). **IBGE Cidades - Viçosa: IBGE**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/vicosa/panorama>>. Acesso em: 22 set. 2017.

NETO, Otávio Cruz. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Edição 21ª, Petrópolis, 2002.

PEREIRA, Jaqueline da Silva. **Do consumo as apropriações: o uso de *smartphone* por estudantes do ensino médio em Cuiabá**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 10. Volume 1. Janeiro-Junho de 2016.

RIBEIRO, Elisa Calvete Ulema. BARBOSA, Gabriel Soares. MOREIRA, Benedito Diélcio. **Jovens rurais: excluídos dos computadores e incluídos nas redes sócias pelo celular**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013. Disponível em: < <https://goo.gl/C9kxGP>> Acesso em 26 de agosto de 2017.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: **___Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 59-82

SILVA, Sandra Rúbia. **Estar no tempo, estar no mundo: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2010.

SILVERSTONE, Roger. **Consumo: locais da ação e da experiência**. In: Por que estudar mídia? 1ª Edição 1999. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 147-163.

SOUZA, Solange Batista de. DOULA, Sheila Maria. CARMO, Pollyanna Maria. **Jovens Rurais da Zona da Mata Mineira e projetos de vida profissional**. Redes (St. Cruz Sul, Online), v. 21, nº 1, p. 233 - 249, jan./abr. 2016 Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.17058/redes.v21i1.4673>> Acesso em: 28 ago de 2017.

TAUK SANTOS, Maria Salett . **Juventude rural em tempo de redes sociais**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011 . Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/2011/resumos/R6-2043-1.pdf> > Acesso em 27 de agosto de 2017.

ZAGO, NADIR. **Migração Rural-Urbana, juventude e Ensino Superior**. Revista Brasileira de Educação, 2016, 21 (janeiro-março). Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27543071004>> ISSN 1413-2478. Acesso em 28 de agosto de 2017.

WHATSAPP (Estados Unidos) (Org.). **Whatsapp: Sobre**. 2009. Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/about>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

WOORTMANN, Elle F; WOORTMANN, Klass. **O trabalho da terra – a lógica e a simbólica da lavoura camponesa** – Editora Universidade de Brasília (1997).